



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA - CESPD
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS

CLÁUDIA DA SILVA SÁ

O PRECONCEITO RACIAL ABORDADO NA OBRA *O MULATO* DE ALUISIO AZEVEDO

Presidente Dutra - MA
2020

CLÁUDIA DA SILVA SÁ

O PRECONCEITO RACIAL ABORDADO NA OBRA *O MULATO* DE ALUISIO AZEVEDO

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Jonh Jefferson do N. Alves

Presidente Dutra - MA
2020

Sá, Cláudia da Silva.

O preconceito racial abordado na obra “O mulato” de Aluízio de Azevedo / Cláudia da Silva Sá. – São Luís, 2020.

39 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1.O mulato. 2.Preconceito racial. 3.Sociedade. I.Título.

CDU: 821.134.3(812.1).09

CLÁUDIA DA SILVA SÁ

O PRECONCEITO RACIAL ABORDADO NA OBRA *O MULATO* DE ALUISIO AZEVEDO

APROVADA EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador
Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras – UERN / Doutorando em Letras - UFAL

Profa. Eliana Pereira de Carvalho
Mestre em Letras-UFPI
(Examinador 1)

Profa. Marrony da Silva Alves
Especialista em Informática da Educação
(Examinador 2)

DEDICATÓRIA

Este projeto primeiramente é dedicado a Deus, que me deu forças, discernimento e sempre esteve ao meu lado, direcionando-me para o desfecho desta pesquisa.

Dedico também, a todos os negros e seus descendentes que vivenciaram maus-tratos, rejeições e distinções, devido à tonalidade da pele e que atualmente de um passo por vez, está conseguindo conquistar seu espaço no meio social.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, pela força espiritual não só nesta trajetória acadêmica, mas em todos os momentos da minha caminhada terrea.

Aos meus pais, Marcelino Francisco de Sá e Vicênciia Nelpides da Silva, por ter me criado e principalmente por acreditar e me incentivar a superar os percalços ao longo desta etapa da vida.

E, em especial ao meu orientador Jonh Jefferson do Nascimento Alves pela orientação, disposição e sabedoria, para a construção deste projeto.

A professora Mestra Susane Ribeiro, que fez parte da minha vida universitária, que mesmo não fazendo mais parte da família UEMA, Campus Presidente Dutra, norteou-me, para o início desta belíssima pesquisa.

Aos meus colegas, pelos momentos de aprendizado compartilhados e especialmente a Elina Estevam Rufino e Maria Siwanete Gonçalves Ribeiro, pela amizade, apoio e acima de tudo pelo companheirismo durante minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos Cláudio Francisco, José Francisco e Jéssica Mendonça, pelo incentivo e apreço nesta caminhada.

Ao meu namorado, Dyeglan Santos, que no início da minha vida acadêmica não o conhecia, mas nos instantes mais apreensivos, em que pensei que não conseguia, ele me dizia: “Paciência, você é capaz, você vai conseguir!”.

Por fim, agradeço a todos que ao longo deste caminho, fizeram-se presentes, direto ou indiretamente, para a realização deste sonho, que sempre esteve manifesto apenas nos meus pensamentos e que hoje em meio a tantas ocasiões inquietantes e significantes concretiza-se, com muito esforço, persistência e dedicação.

*“Enquanto a cor da pele for mais importante
que o brilho dos olhos, haverá guerra”.*

Haile Selassie

RESUMO

O presente trabalho consiste em analisar o preconceito racial, vivenciado pelo protagonista Raimundo, no romance do escritor Aluísio Azevedo, titulado *O Mulato*. Obra naturalista, de escrita polêmica, publicada em 1881, discorre temas relacionados à escravatura, anticlericalismo, adultério e principalmente assuntos referentes ao preconceito racial na cidade de São Luís do Maranhão nos anos 80. A narrativa *O Mulato*, mostra o quanto o tom da pele permeia na história amorosa entre Ana Rosa e Raimundo, que não se concretiza porque Raimundo é mulato e filho de uma escrava. Mesmo Dr. Raimundo tendo ótimas condições financeiras e sublime educação é impedido de casar-se, com sua amada Ana Rosa. Esta pesquisa analisa os discursos preconceituosos ditos por grande parte do elenco de personagens, exceto por José Roberto, conhecido por "Seu Casusa", em que o falatório distingue dos demais. Para obter as informações aqui apresentadas, o projeto teve como método de investigação a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, já que conta com a análise dos variados discursos preconceituosos realizados pela maior parte do grupo de personagem da obra *O Mulato*, Azevedo (2010), e sob a luz das concepções de teóricos como: Abrantes (2012), Corrêa (2015), Bosi (2006), Lima (2009), entre outros. Em relação ao estudo, comprova-se a proporção em que o livro *O Mulato* é instrumento de análise e de denúncia ao preconceito racial na sociedade Ludovicense no final do século XIX.

Palavras-chave: O Mulato. Preconceito Racial. Sociedade.

.

ABSTRACT

The present work consists of analyzing the racial prejudice, experienced by the protagonist Raimundo, in the novel by the writer Aluísio Azevedo, titled *O Mulato*. Naturalist work, with controversial writing, published in 1881, discusses themes related to slavery, anti-clericalism, adultery and mainly issues related to racial prejudice in the city of São Luís do Maranhão in the 1980s. The *O Mulato* narrative shows how much the skin tone it permeates the love story between Ana Rosa and Raimundo, which does not materialize because Raimundo is a mulatto and the son of a slave. Even though Dr. Raimundo has excellent financial conditions and a sublime education, he is prevented from marrying, with his beloved Ana Rosa. This research analyzes the prejudiced speeches said by a large part of the cast of characters, except for José Roberto, known as "Seu Casusa", in which the hype distinguishes from the others. To obtain the information presented here, the project had as a method of investigation the qualitative bibliographic research, since it relies on the analysis of the various prejudiced discourses made by most of the character group of the work *O Mulato*, Azevedo (2010), and in the light of the conceptions of theorists such as: Abrantes (2012), Corrêa (2015), Bosi (2006), Lima (2009), among others. In relation to the study, it is proved the proportion in which the book *O Mulato* is an instrument of analysis and denunciation of racial prejudice in Ludovicense society at the end of the century XIX.

Keywords: The Mulatto. Racial prejudice. Society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O NEGRO NA LITERATURA DO SÉCULO XIX	13
2.1 Racismo como força social na literatura do século XIX	17
2.2 Abolição, Sociedade e Literatura	19
3 ALUÍSIO AZEVEDO VIDA E OBRAS	22
3.1 A poética da recepção de <i>O Mulato</i>	25
4 O PRECONCEITO RACIAL EM <i>O MULATO</i> DE ALUÍZIO AZEVEDO	29
4.1 Preconceito racial e comportamento social: Um reflexo sobre as personagens.....	34
5 CONCLUSÃO.....	37
REFERENCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A obra *O Mulato*, do autor, diplomata, caricaturista, jornalista e romancista Aluísio Azevedo publicada no ano de 1881, foi o marco inaugural do movimento naturalista brasileiro. O referido romance foi alvo de diversas críticas tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Luís.

A narrativa apresenta uma forte crítica social em que o autor por meio dos personagens Ana Rosa e Raimundo embarca em uma história de amor proibido, no qual, tem como principal impedimento o fato de Raimundo ser filho de uma escrava e um branco e consequentemente, “mulato”.

Esta pesquisa titulada “O Preconceito Racial abordado na obra *O Mulato*, do autor Aluísio Azevedo, tem como objetivo analisar o quesito preconceito racial vivenciado por Raimundo, protagonista do romance. O fato de Raimundo dispor de uma boa formação e ser filho de comerciante português, não o impediu de sentir na pele a exclusão social que a sociedade ludovicense dispuseram aos negros e a sua descendência que sofreram com a desigualdade social, devido à cor da pele.

Os procedimentos metodológicos centram-se no método bibliográfico e qualitativo. A referente pesquisa fundamenta-se em autores que discorrem sobre temas relacionados ao quesito racial, como Ferreira (1986), Vicente (2010), Cuti (2010), e Munanga e Gomes (2006). Para referencial teórico, esta investigação contou com nomeados escritores desde Azevedo (2010), autor da obra em estudo, à autores, como: Castilho (2004), Luciano (2012), Duarte (2013), Almeida (2013), entre outros, que tiveram grande relevância para construção desta monografia.

Diante do posto, vale frisar que a presente linha de estudo está dividida em dois itens. O segundo tópico apresenta a questão do negro na literatura, ou seja, quando a figura negra surgiu e, o quanto o negro foi alvo de racismo em pleno século XIX no universo literário. Neste mesmo capítulo discorre-se, sobre a Abolição, que é justamente o contexto histórico em que a obra foi inserida. Aborda também temas relacionados a sociedade e a literatura do século XIX.

O item três consiste em dissertar brevemente a respeito da vida e obras do autor Aluísio Azevedo, expõe críticas sobre a recepção do livro *O Mulato*, em São Luís e no Rio de Janeiro. Nesta última parte há a descrição por meio do quadro de personagens a cerca do reflexo da sociedade maranhense sobre os negros e a descendência negra. A partir desta observação, analisa-se a questão do preconceito racial, sofrida pelo personagem principal

Raimundo, que mesmo sendo um rapaz íntegro e sensato, a sociedade maranhense oitenticista não o aceita por sua cor.

2 O NEGRO NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

Imagina-se que desde a antiguidade, os negros e seus descendentes foram alvos das injustiças sociais. Em meados de 1850, o personagem negro no universo literário quase não existia, muito menos era citado. Na perspectiva de Castilho (2004) "A figura negra na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos era praticamente inexistente" (CASTILHO, 2004, p. 104).

Com o início do Romantismo no Brasil, o personagem negro começa a surgir nas produções literárias, ocupando um lugar minúsculo, de forma insignificante e medíocre. Lima (2009), afirma que:

No início do século XIX a temática negra passa a ser vista frequentemente na literatura. A escola romântica traz as primeiras incursões em uma literatura abolicionista, representada principalmente pela figura de Castro Alves, com seu famoso Navio Negreiro. Mas, a literatura anterior a Castro Alves já retratava o escravo, especialmente na poesia. (LIMA, 2009, p. 70).

O negro nas escrituras literárias do início do século XIX é retratado como um ser inferior à classe dominante branca. O personagem negro não tem vez, nem voz, é apenas apresentado juntamente com conteúdos que remetem a dolorosa escravidão sofrida pelos não brancos. Luciano (s/d) salienta:

Já que esse aparece nas obras literárias como objeto, o seu personagem é quase sempre visto a certa distância, culminando em uma visão que manifesta feitos que apontam para a esteriotipação do negro dentro de uma ótica dominadora do branco, neste panorama, a escrita das obras literárias nos mostram o negro inferiorizado etnicamente, tornando a Literatura Brasileira uma narrativa que caracteriza somente como temas que lembram sua escravidão, ocultando do mesmo sua cultura, e consequentemente silenciando-o como sujeito. (LUCIANO s/d, p. 300).

Levando em consideração o negro e sua descendência, percebe-se o quanto o fenótipo negro desde o princípio foi sinal de desprezo, desrespeito e marginalidade. Na maior parte das escrituras literárias o negro é retratado como vilão ou coadjuvante, dificilmente são protagonistas. Duarte (2013) deixa este fato explícito:

Enquanto personagem, o negro ocupa lugar menor na literatura brasileira. Na prosa, é um lugar muitas vezes inexpressivo, quase sempre ou mais

acentuadamente no caso dos homens, de vilão. E isto é desde os começos da produção letrada do país. (DUARTE, 2013, p. 147).

Antes da publicação de *O Mulato*, no ano de 1881, alguns escritores faziam uso do negro em suas escrituras, mas na maior parte dessas obras, descrevia-o apenas como o sistema decretava. Na realidade nesse período em algumas obras a figura negra tanto no campo literário, quanto em outros segmentos, passaram a ser vistos apenas como mercadoria, escravo e que só tinha serventia para os afazeres da casa grande, Almeida (2010), diz:

O negro, assim, tem o seu lugar, ser escravo. O branco também tem o seu: ser escravista e, mesmo não sendo, vai viver do expediente do sistema de exploração do trabalho escravo. Sem lugar são o que não trabalham para os que fazem trabalhar.[...] Assim economicamente, na divisão do trabalho, o negro tem seu lugar definido que é ser escravo. O branco também tem seu lugar, ser proprietário escravista ou viver beneficiando-se dos excedentes do sistema escravista. (ALMEIDA, 2010, p. 22-23).

De acordo com o que foi citado acima, observa-se a trajetória do negro na literatura, trajeto este que aos poucos vem modificando-se, mesmo em meio a tantos percalços, a partir da ascensão dos movimentos negros a figura negra tem criado seu próprio espaço no caminho da literatura. Lima (2009), afirma:

Pode-se traçar um paralelo entre a forma como o negro era mostrado na literatura brasileira desde seus primórdios e a maneira como essa configuração foi se transformando, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, e o afro-descedente pôde assumir a narração de sua própria história. (LIMA, 2009, p. 67).

Diante disto, constata-se o quanto o negro na literatura vem adquirindo novos papéis. Aluísio no fim da década de oitenta, lança o livro *O Mulato*, obra de transição do movimento realista para o naturalista. Nesta narrativa Azevedo apresenta o afro-descedente totalmente diferente das demais escrituras oitentistas.

A figura negra usufluiu do primeiro papel principal no universo literário, em que o protagonista Raimundo do romance *O Mulato*, foi apresentado como um ser dotado de conhecimentos, com bons modos e uma formação escolar conveniente e de qualidade. Na obra, Raimundo “o mulato”, é caracterizado como “um rapaz de vinte e seis anos, olhos azuis, cabelos pretos, dentes claros, educadíssimo e formado em Direito. Bosi (2006), ressalta:

A literatura de *O Mulato*, que passa pelo primeiro romance naturalista brasileiro dá uma boa visão do meio maranhense do tempo [...]. O protagonista, o mulato Raimundo ignora a própria cor e a condição de filho de escrava: não consegui entender as reservas que lhe faz a alta sociedade de São Luís, a ele que voltara doutor da Europa. (BOSI, 2006, p.189).

O romance *O Mulato*, publicado em 1881, marcou o início do Naturalismo no Brasil. Aluísio Azevedo é considerado o maior ícone naturalista da Literatura Brasileira. Azevedo mantém uma escrita influenciada pelos renomados escritores Eça de Queiroz e Emille Zola. Nicola (2011), declara:

É como naturalista que Aluísio Azevedo deve ser estudado. Seguindo as lições de Emille Zola e de tese, com Clara conotação social. Ou seja, parte de algumas proposições - existência de preconceito racial e corrupção clerical, em *O Mulato* - que serão demonstradas ao longo da narrativa. Percebe-se nítida preocupação com as classes marginalizadas pela sociedade, criticando o conservadorismo e o clero, aliado à classe dominante. (NICOLA, 2011, p. 308).

O Movimento Naturalista Brasileiro, teve como precursor o escritor Aluísio Azevedo. Porém os autores Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853 - 1918), Raul Pompéia (1863 - 1895), Adherbal de Carvalho (1869 -1915) e Adolfo Ferreira Caminha (1867-1897), também são nomes que contribuíram de forma significativa para o cunho naturalista.

Vale ressaltar que o Naturalismo é como se fosse uma ramificação da Escola Literária Realista, já que se pode detectar particularidades de cunho realista. Os escritores naturalistas utilizavam linguagem simples, descrição minuciosa dos espaços, dos personagens, uso do regionalismo, determinismo, objetivismo, oposição aos ideais românticos e principalmente usavam uma escrevedura denunciativa com temas relacionados às mazelas sociais, preconceito racial e abolição da escravatura, já que o Brasil, em 1888 e 1889, foi palco da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Azevedo (2010) discorre sobre este assunto:

O Naturalismo caracteriza-se por ser uma radicalização do Realismo, negando ao máximo as características românticas e nutrindo-se da observação fiel da realidade, o que inclui retratar as mazelas da sociedade e os defeitos humanos, sejam quais forem. O comportamento humano, segundo os adeptos da teoria naturalista, e os fenômenos físicos são regidos pelas mesmas leis. (AZEVEDO, 2010, p. 190-191).

O Naturalismo no Brasil pode ser apresentado como um movimento antirromântico, já que os escritores naturalistas mostram através de suas escrituras uma visão objetiva em que retrata o verdadeiro. Apesar de ter sido uma temporada bastante conturbada, foi um período de grande produção literária, no qual rompeu com o tradicionalismo literário, mostrando a realidade dos fatos sociais da época.

2.1 Racismo como força social na literatura do século XIX

Antes de falar em racismo na literatura do século XIX, é primordial compreender o significado da palavra racismo. Em conformidade com Munanga e Gomes (2006):

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes de ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho, etc. Ele é resultado da crença que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplos disso são as teorias raciais que serviam para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão do negro e a discriminação racial. (MUNANGA; GOMES, 2006, p.179).

Ao pronunciar o termo racismo, pode-se ter como principal ponto a figura do negro. Levando para o campo literário, observa-se que o negro era posto como inferior a classe dominante, branca. Mas com o passar dos anos, a maneira como o negro era apresentado da literatura brasileira, foi se transformando, a medida que a luta pela igualdade social e étnica foi ganhando força. É por meio da literatura que escritores e personagens negros, resgatam a própria integridade, quebrando o círculo racista. Na perspectiva de Cuti (2010).

A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se da um círculo vicioso que alimenta o preconceito já existente. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil. (CUTI, 2010, p. 25).

As indiferenças, as humilhações e a desvalorização, devido às características sociais e em particular, pelos traços físicos dos não brancos serviam exclusivamente para confirmar a subalternidade negra. Lima Barreto, Solano Trindade, Luís Gama e Maria Firmina dos Reis, escritores renomados, comprovam que no século XVIII, já havia literatura negra, Duarte (2004), garante que: “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”. (DUARTE, 2004, p.01).

Em 1833, o poeta Francisco de Paula Brito, fundou o jornal *O Homem de Cor*, publicação que abordava temas que outras mídias jamais haviam pronunciado registro contra

a discriminação racial, publicado cinquenta e cinco anos antes da abolição da escravidão brasileira. Com isto, a imprensa negra tornou-se essencial para a imprensa brasileira, pois a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) teve como precursor Gustavo de Lacerda (1854-1909), escritor e jornalista negro.

Na década de 50, com os movimentos negros na França e nos Estados Unidos, a literatura negra passa a ser vista pela sociedade. No século XIX, com a trama Raça e cor na literatura brasileira, do escritor David Brookshaw, começa-se a focar na questão do estereótipo. A obra *A escrava Isaura* (1872), de Bernardo Guimarães, descreve o escravo nobre. Isaura, mesmo sendo filha de um relacionamento entre um capataz português e uma escrava, foi criada por seus senhores, como filha. branca, bonita, educada e inteligente, não estava escape da condição de cativa.

Nesta mesma evidência "de escravo nobre", cita-se também o protagonista Raimundo, da narrativa *O Mulato* (1881). Raimundo é um formoso mulato, de olhos azuis, filho de uma negra escrava e um contrabandista português. Mesmo Raimundo sendo um rapaz educado, refinado e formado em Direito, não consegui realizar seu sonho, que era casar-se com Ana Rosa e formar uma família.

Apesar da definição de literatura negra, ter sido apresentado somente no século XX, a construção literária negra, realizada por negros, falando das questões negras, já era existente em solo brasileiro, antes mesmo do tráfico de africanos negros para o Brasil.

2.2 Abolição, Sociedade e Literatura

No Brasil, o sistema escravocrata teve início no século XVI, com a produção de cana-de-açúcar. Os portugueses transportavam homens e mulheres da África, para o Brasil, com o intuito de escravizá-los. Abrantes (2016) discorre sobre o assunto:

Durante mais de quatrocentos anos, africanos escravizados foram trazidos em navios negreiros para trabalhar nas lavouras de açúcar, café, mineração etc. milhares de almas atravessaram o atlântico e aqui reconstruíram suas vidas e ressignificaram suas culturas. Em terras brasileiras refizeram suas vidas e tentaram sobreviver nesse novo mundo que agora viviam. (ABRANTES, 2016, p. 113-114).

Os africanos, ao adentrar em terras brasileiras, eram destinados a serviços pesados, exaustivos e braçais, nas lavouras, mineração e atividades domésticas. Do século XVI ao XIX, os portugueses utilizavam a mão-de-obra dos africanos, nos engenhos de açúcar. No século XVIII, os negros africanos foram explorados na mineração de ouro, especialmente em Minas Gerais, assim o número de imigrantes que chegaram à região nordeste só subiam.

Os africanos tinham que suportar exageradas horas de trabalho, tolerar as crueldades, já que, os negros serviam apenas para prestar serviços aos seus senhores. Em relação ao trabalho escravo, houve forte resistência por parte dos negros africanos, desde revoltas até suicídios, pois muitos negros preferiam a morte a serem escravizados. E na maioria das vezes o autoextermínio era registrado como um acidente ou até mesmo uma briga entre cativos.

Alguns escravos não aceitavam mais tamanhos tormentos, viam a fuga como solução para o fim das torturas. Assim, formou-se os quilombos: lugares que os africanos usavam como abrigos. O mais famoso, foi O Quilombo dos Palmares, comandado por Zumbi dos Palmares, que liderou o quilombo quase vinte anos. Mas Zumbi foi morto no ano de 1695, pelo capitão Furtado de Mendonça.

Desde a independência do Brasil, em 1822, a questão da emancipação dos escravos sempre foi assunto na pauta política brasileira. Mas só ganhou força por pressão dos jornais e associações abolicionistas. Com a Lei Eusébio de Queirós, em 1850, aconteceu de verdade o fim do tráfico de africanos. Após vinte e um anos, expressivamente em 1871, foi aprovado a Lei do Ventre Livre, que assegurava com limitações os filhos de mãe escrava. As discussões em torno desta lei motivaram a sociedade e os escravos, dando-lhes, ânimo para que o fim da escravatura tivesse sucesso, naquela época.

A abolição da escravatura aconteceu no dia 13 de maio de 1888. Foi um evento que marcou a história do Brasil, mesmo sendo um processo demorado, culminou mediante a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.

Segundo alguns historiográficos, os escravos africanos chegaram ao Maranhão, antes da instalação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Meirelles (2009) afirma:

Deve-se ressaltar, no entanto, que a escravidão africana é notada na região maranhense desde a segunda metade do século XVII, tanto o é que o cargo de Juiz da Saúde existia em São Luís desde 1655 com contribuição de visitar os navios que chegavam com negros, o que sugere que a região já recebia mão-de-obra africana antes da atuação da referida Companhia. (MEIRELLES, 2009, p. 132).

O solo maranhense antes da abolição da escravidão era a província com maior número de escravizados, com o percentual de 78 mil escravos. A realidade do cativo no Maranhão, não era diferente do real aparecimento enfrentado pelo negro africano nas demais províncias brasileiras. Abrantes (2012) ressalta:

A sociedade escravocrata de São Luís costumava ser extremamente violenta com seus escravos, fazendo parte dos costumes de muitas famílias a utilização da tortura física. Nas ruas era proibido o uso de gargalheiras, grilhetas e outros instrumentos de tortura nos escravos, mas nas casas, espaço privado, o poder público pouco podia fazer afinal o escravo era uma propriedade, portanto com todos os direitos do dono garantidos constitucionalmente. (ABRANTES, 2012, p. 35).

No que se refere ao meio social brasileiro, é compreensível que a escravidão africana gerou uma sociedade fortemente complexa com consequências negativas até hoje diante do negro. As manchas de sangue, as humilhações, os estigmas do trabalho e da escravidão, permeiam toda uma sociedade, marcada por dor, momentos de desigualdades, de preconceito, na qual a pigmentação permanece em primeiro lugar no convívio social.

A literatura pode ser compreendida como uma ferramenta que facilita o conhecimento do homem e do mundo. "A literatura como toda arte, é a expressão do homem e do humano. Ela acompanha o homem registrando suas conquistas, medos e realizações. (FORTAREL, 2008, p. 07).

Ao falar em texto literário, deve-se observar as informações históricas e a relação presente entre o texto e a sociedade. Samuel (1985) enfatiza:

A literatura como ficção é quase autônoma da realidade. Ela denuncia a realidade de fora (através da forma, tanto quanto através do conteúdo, pois é a forma que expressa o conteúdo). A literatura desrealiza a realidade, para quebrar o monopólio da realidade em definir o que é real, porque a realidade concreta está mascarada, mistificada, alienada. (SAMUEL, 1985, p. 14-15).

É visível a relação entre história, sociedade e literatura que o autor Aluísio Azevedo relata ao longo da narrativa, logo nas páginas iniciais fica claro o contexto histórico, em que a obra em estudo foi inserida, Azevedo (2010), diz:

Os corretores de escravos examinaram, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura como se estivessem a comprar cavalos. (AZEVEDO, 2010, p. 07).

Em vários fragmentos do livro, Azevedo, expõe o comportamento preconceituoso e racista da sociedade ludovicense perante aos não brancos. Azevedo (2010) cita,

- Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual dona Amância lhe oferecera um espelho e dissera: "Ora, mire-se!"; a razão pela qual diante dele chamavam de meninos os moleques da rua. (AZEVEDO, 2010, p. 125-126).

Em outro trecho da narração é perceptível a aproximação de literatura e história, o autor faz o relato histórico dos costumes dos comerciantes portugueses e também cita Marquês de Pombal, um português bastante renomado na história. Azevedo (2010) deixa este fato evidente,

Manuel Pedro da Silva, mais conhecido por Manuel Pescada, era um português de uns cinquenta anos, forte, vermelho e trabalhador. Diziam-no afilado para o comércio e amigo do Brasil. Gostava da sua leitura nas horas de descanso, assinava respeitosamente os jornais sérios da província e recebia alguns de Lisboa. Em pequeno meteram-lhe na cabeça vários trechos do Camões e não lhe esconderam de todo o nome de outros poetas. Prezava com fanatismo o Marquês de Pombal, de quem sabia muitas anedotas e tinha uma

assinatura no Gabinete Português, a qual lhe aproveitava menos a ele do que à filha, que era perdida pelo romance. (AZEVEDO, 2010, p. 08-09).

Novamente, nota-se, que embora a história e a literatura, sendo diferentes, sustentam-se das mesmas fontes, ou seja, dos fatos históricos, que deram-se numa determinada época do corpo social. Hoje muito o que se diz, por exemplo é o fato de as referências de Manuel Pescada serem exclusivamente voltadas para os discursos portugueses da época e a sinalização do romance de Aluísio Azevedo para as figuras históricas e literárias de destaque na sociedade portuguesa do século XIX.

3 ALUÍSIO AZEVEDO VIDA E OBRAS

O escritor maranhense Aluísio Tranquedo Belo Gonçalves de Azevedo, nasceu no dia 14 de abril de 1857, em São Luís. Filho de Amélia Pinto de Magalhães e David Gonçalves de Azevedo. O literato desde cedo, teve que enfrentar o preconceito, pois seus pais não eram casados, visto que, sua mãe já havia sido casada e seu pai era viúvo, assim os dois não oficializaram o relacionamento, por esse motivo a união dos dois era malvista pela sociedade tradicional da época.

Aluísio Azevedo, aos 17 anos juntamente com Artur Azevedo, seu irmão mais velho, foi para o Rio de Janeiro, lugar em que estudou na Academia Imperial de Belas Artes e trabalhou como caricaturista, produzia charges para jornais, Almeida (2010), ressalta:

Entre 1876 e 1879, Aluísio Azevedo, contribuiu como ilustrador para os jornais cariocas como *O Fígaro* e *O Mequetrefe*. Daí apareceu um jovem ilustrador que se mostrou combativo em desenhos que aludiam à filosofia positiva, à figura de Auguste Comte, ao fim do império e à ascensão da república. (ALMEIDA, 2010, p. 03).

Em 1878, depois da morte de seu pai, Azevedo volta para o estado do Maranhão. O caricaturista resolve dá uma pausa nos desenhos e iniciar a carreira de escritor, para garantir o sustento de sua família. *Uma Lágrima de Mulher* (1879), foi o primeiro romance a ser publicado por Aluísio. Em 1881, o autor lança a obra *O Mulato*: "este livro foi escrito e sentido aos vinte anos, quando eu estava no Maranhão, ao lado de minha família; com ele entrei alegremente no mundo das letras. Apareceu em 1881". (AZEVEDO, 2010. p. 13).

Aluísio dedicou alguns anos de sua vida a carreira de escritor, teve aceitação pelo público leitor e assim sustentava-se por meio de suas escrituras, Bosi (2006), declara que:

De 1882 a 1895 vive exclusivamente da pena. Escreve sem interrupção, romances, contos, operetas e revistas teatrais, alternando páginas de intensos e sombrios realismo (Casa de Pensão [...]). Aliás, trata-se de um caso raro e precoce de profissionalização literária: "Aluísio Azevedo disse Valentin Magalhães - é no Brasil, talvez, o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa da sua pena. (BOSI, 2006, p. 187-188).

Azevedo escreveu contos, peças, crônicas e inúmeras abras, sendo elas: *Uma Lágrima de Mulher* (1880); *O Mulato* (1881); *Mistério da Tijuca ou Girândola de Amores* (1882); *Memórias de um Condenado ou A Condessa Vesper* (1882); *Casa de Pensão* (1884);

Filomena Borges (1884); *O Homem* (1887); *O Cortiço* (1890); *A Coruja* (1890); *A Mortalha de Alzira* (1890); *O Japão* (1894); *O Livro de uma Sogra* (1895) e *Demônios* (1895).

Aluísio ocupou a cadeira de número quatro da Academia Brasileira de Letras. Em 1895, mesmo ano em que publica seu último romance titulado "O Livro de uma Sogra", Aluísio venceu um concurso para vice-cônsul. Com isso o diplomata abandonou o universo literário.

Azevedo faleceu aos 55 anos, em Buenos Aires, no dia 21 de janeiro de 1913. Em 1919, seis anos depois o corpo do escritor chegou a sua terra natal São Luís, lugar em que foi sepultado.

3.1 A poética da recepção de *O Mulato*

No ano de 1881, O Paiz, jornal do Maranhão, pela primeira vez, fazia o anúncio do romance *O Mulato*. Obra de escrita polêmica, que teve repercussão imediata e com apenas cinco dias de lançada o jornal maranhense "O Paiz (1881), exibiu os seus sinceros agradecimentos pelo o aceitamento do livro, com as seguintes palavras:

Gratidão. Aluísio Azevedo, sumamente reconhecido ao público maranhense, agradece-lhe por este meio o generoso interesse e a boa aceitação que dispensou á sua ultima produção literária - O MULATO. E declara-se com especialidade, penhorado àquelas pessoas que obsequiosamente se ofereceram á remetter volumes para as outras províncias, si bem que tão valioso serviço não pudesse ser completamente aproveitado, em virtude da escassez do numero de volumes que lhe resta para satisfazer alguns leitores desta capital. (O Paiz, São Luís, 12 de abril de 1881, p. 141).

O livro de cunho naturalista retrata características pouco utilizadas na literatura brasileira dos anos 80. Com isso acabou ocasionando impactos e polêmicas, pois aborda temas problemáticos que cercavam a sociedade sanluisense. Cordeiro (1987) discorre sobre o assunto:

Como da própria finalidade do livro, um retrato realista da sociedade da época, ressaltando as suas mazelas sociais, econômicas, religiosas, como instrumento contundente de crítica mordaz e mortal a tudo isso contra o que se batia de todos os modos, como uma arma poderosíssima na campanha, anticlerical, antirreligiosa e contra os preconceitos e desmandos de uma sociedade beata, hipócrita e pobre". (CORDEIRO, 1987, p. 37).

Em *O Mulato*, Aluísio faz uso de personagens com particularidades frias e ególatras, por meio desse elenco o autor expõe de maneira direta críticas aos costumes sociais escravocratas como a hipocrisia do clero, o adultério e o preconceito racial. Abrantes (2016), diz:

Aluísio Azevedo soube explorar muito bem os interesses de seu público. Se, no Maranhão, questões polêmicas envolvendo o clero marcava o contexto da primeira edição, o autor não hesitou em fazer comparações de personagens da obra com figuras reais e em expor nas páginas de *O Pensador* que o romance propunha tratar de abusos do clero maranhense. O autor não deixou de usar os acontecimentos daquele momento para chamar a atenção do público para seu livro, vinculando diretamente essas questões aos objetivos de seu romance. (ABRANTES, 2016, p. 159).

Vários críticos da época, diziam que Azevedo ao fazer a apresentação do quadro de personagem criava uma imagem sem refinamento, desequilibrada e irregular da família maranhense do século XIX. Euclides Faria em seu artigo de 10 de setembro de 1881, fala sobre a sua concepção a respeito do perfil de alguns personagens da narrativa:

O Dr. Raimundo, alardeando de positivista e homem de bem, entra em casa de seu tio, como hóspede e sai deixando a infâmia e a desgraça na família de Manuel Pescada, que o recebera de braços abertos. Ana Rosa que se apresenta como tendo recebido a melhor educação que se pode beber no Maranhão, era um tipo de lubricidades e acaba se queimando nas chamas de amores impuros. D. Maria Bárbara era uma fúria contra os escravos, açoitava, queimava, matava... O demônio! Uma velha cheia de prejuízos de sangue dos avós. D. Eufrásia, mulher de um oficial do 5º Batalhão, sempre se manifesta, ensinando torpeza às meninas, como Ana Rosa, e até mesmo no falar e gesticular porejava erotismo". (Apud Cordeiro, 1987, p. 125-126).

O Mulato é um romance que possibilita ao público leitor, inúmeras e distintas interpretações, já que é uma importantíssima obra literária que tem um contexto histórico-social que engloba a sociedade maranhense da década de oitenta. Almeida (2010), afirma que:

O Mulato pode ser entendido antes como peça de ação política de um intelectual comprometido com as questões do seu tempo, do que como simplesmente o primeiro romance naturalista brasileiro - fato este pelo qual se tornou um dos romances mais conhecidos da literatura nacional. (ALMEIDA, 2010, p. 04).

Para o humorista e poeta Euclides Faria, a trama *O Mulato*, retratava os comportamentos mais brutais, cruéis e horríveis da sociedade do Maranhão. Este posicionamento de apresentar os indivíduos maranhenses sem regras e princípios não demonstrou satisfação a todos. Faria, apud Montello (1975), diz:

Quem ler o tal Mulato, fora daqui, na Europa, por exemplo, fará a mais desgraçada ideia do Maranhão, e nos terá em conta de selvagens e canibais. O romance deve dar uma noção exata da sociedade, e não quadros exagerados, bordados à fantasia e capricho de quem quer fazer figura. Eis aí como o Mulato entende o realismo! Segundo o Zote, o infeliz Maranhão é um tronco universal, um ergástulo fétido e medonho, donde saem aí doridos de infelizes escravos, reduzidos a piores condições, que o escravo sardo! Isto é simplesmente falso. (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 296).

Para Faria, Azevedo, nas escrituras do seu livro, representava o povo maranhense de modo negativo. Vale frisar que mesmo a várias discordâncias recebidas a respeito do livro, também houve críticos a favor tanto da obra, quanto do escritor. De acordo com o artigo de Vianna Álvaro de Sá. “Pacotilha”. São Luís do Maranhão, 16 de setembro de 1881, publicado no jornal “Pacotilha”.

O Mulato “não agradou em Maranhão: muita gente viu-se mais ou menos retratada, ou suas ficções em outros rostos o que não poderia agradar [...] Não podia agradar “O Mulato”. Foi um ferro em brasa posto de um encontro ao cancro do preconceito ridículo que a despeito de alguns parlapatões se pretende levantar, quando falta-lhes tudo a começar pela fátua nobreza de sangue”. (PACOTILHA, São Luís do Maranhão, 16 de setembro de 1881).

No Rio de Janeiro o romance, foi bem recepcionado, esse fato favoreceu para o reconhecimento do escritor Azevedo, vários críticos cariocas demonstraram receptividade pela escrita do enredo, dentre eles, Araripe Júnior e Urbano Duarte. Na perspectiva de Junior (1958).

Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias de claridade rocionler, alencariana, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estige da nova escola foi apenas a superfície. O novo romancista apresentou-se francamente como é francamente no período de transição, de lutas, de vacilações. O seu livro em que se encontra cenas admiráveis, pode se dizer a crisálida de uma obra realista. Nem lagarta, nem borboleta. Não seja isto, porém, motivos para doestos: porque o simpático escritor tem uma coisa que é o essencial: tem grande talento, tem imaginação fecunda. Sente-se-lhe na composição um arrastamento indicativo de força, de fôlego, de pulso, o que dá a entender a ele não ficará na estreia do Mulato. (JUNIOR, 1958, p. 120-121).

Percebe-se que *O Mulato* teve recepção diferenciada em São Luís e no Rio de Janeiro. Na corte o livro foi bem acolhido e alcançou um grande número de vendas. *O Mulato* prendeu mais a atenção do público do que a obra de Machado de Assis " Memórias póstumas de Brás Cubas ", romance publicado em 1881, mesmo ano de publicação da narrativa *O Mulato*. Na perspectiva de Hélio Guimarães (2004).

Em contraste com a baixa repercussão das Memórias Póstumas, o romance *O Mulato* de Aluísio Azevedo, provocaria mais escândalos e teria maior repercussão na imprensa do Rio de Janeiro, onde, segundo Helen Caldwell teria sido assunto de mais de cem artigos durante o ano de 1881. (HÉLIO GUIMARÃES, 2004, p.93).

Em relação ao que já foi dito acima, pode-se afirmar que a repercussão de *O Mulato* foi algo bastante questionável e que o autor através das escrituras, explorou as preferências do público leitor, dando ênfase aos acontecimentos polêmicos daquela época para despertar o interesse e a atenção do leitor para o seu livro, mesmo a obra provocando algumas discussões a favor e contra, Aluísio depois da publicação de *O Mulato* adquiriu reconhecimento e uma alternativa para sua sobrevivência como autor, através do caminho das letras. Esse fato contribuiu de forma significativa para Aluísio tornar-se um grande nome na literatura nacional.

4 O PRECONCEITO RACIAL EM *O MULATO* DE ALUÍZIO AZEVEDO

Para adentrar no quesito Preconceito Racial, abordado no romance *O Mulato*, do escritor Aluísio Azevedo, é essencial aprender a conceituação do vocábulo preconceito. Na perspectiva de Ferreira (1986): Preconceito vem do latim *praeconceptu*, (...) o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem levar em conta o fato que os conteste, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões etc (...).

O preconceito racial é considerado algo historial, que existe há anos, desde o período da colonização. Mas com a abolição dos escravos, os negros e seus descendentes conseguiram dá um pequeno avanço no que diz respeito a "libertação" e "direitos". Assim, alguma crítica que menospreze, humilhe e desvalorize o indivíduo negro é entendida como prática preconceituosa. (FERREIRA, 1986, p. 298).

O preconceito racial tinha como origem aspectos relacionados a política, a linguagem e a crença, já nos dias de hoje o principal motivo é o tom de pele que é tido como indício para diferenciar os brancos dos não brancos. No Brasil, há uma grande farsa, quando se trata da questão "democracia racial", pois a figura negra e sua descendência ainda é vista como sinônimo de feieza e subalternidade. Para Munanga (2008):

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem, biológica e cultural, entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimularem as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de se conscientizarem acerca de suas características culturais. [...] Pelo mito, o Brasil vê o problema da desigualdade como uma questão de renda e acesso à educação que a maioria da população não consegue ter e manter por falta de recursos. Porém, o problema está mascarado por uma sociedade que insiste em acreditar não haver racismo e discriminação no nosso país. (MUNANGA, 2008, p.77).

A respeito do preconceito racial existente no meio social, Vicente (2010), assegura que "a cor negra da pele de homens e mulheres, assim como sua raça e cultura próprias, foram motivos de crueldade humana e de barbárie que mancharam e continuam machucando a dignidade da humanidade". (VICENTE, 2010, p. 17).

Na obra em estudo, nota-se uma forte crítica direcionada ao preconceito racial vivenciado no século XIX na sociedade maranhense. Deste modo Corrêa (2015) diz:

Eis refletido o estigma do preconceito racial fortemente arraigado na São Luís de outrora e que Aluísio Azevedo denuncia, com muita propriedade, n' *O Mulato*, mostrando que a rejeição ao afrodescendente era ali forte que, nem mesmo a heretieriedade paterna, as características físicas, desse mulato, o status social que a sua condição de filho de comerciante português próspero lhe permitira alcançar (O doutorado em Direito, na Universidade de Coimbra), o eximem da marginalidade, da exclusão social". (CORRÊA, 2015, p.101).

A trama *O Mulato*, é uma obra bastante descritiva, tanto em seu quadro de personagens, quanto no espaço em que acontece a narrativa. A narrativa tem como cenário a cidade de São Luís, no Maranhão, a obra retrata com veracidade os problemas sociais que cercam a sociedade maranhense da década de oitenta. Esta pesquisa busca fazer uma análise sobre o preconceito racial na obra *O Mulato*, dando principalmente ênfase o papel do negro e sua geração na sociedade sanluisense oitentista. Segundo Abrantes (2016):

O *Mulato* foi, então, nesse contexto, uma pedra lançada ao espelho, principalmente da elite ludovicense, ali representada em seus costumes, vícios e preconceitos tão distintos daqueles que no século XIX caracterizavam o maranhense. Isso se ressalta ainda mais quando se coloca no centro da narrativa, como personagem principal, um descendente de mãe negra, um mulato. Esse personagem, no entanto, não era um mestiço pobre na ordem escravocrata, mas um homem de posses, instrução, refinamento, aquele que traz o discurso moderno civilizador no romance e que, ao entrar na narrativa, desnuda todas as artimanhas de uma elite ciosa de acompanhar o modelo de civilização ditado pela Europa mas que esbarra na mentalidade escravocrata e em todos os preconceitos dela advindos. (ABRANTES, 2016, p.154).

O enredo *O Mulato*, conta a história de Ana Rosa e Raimundo, dois primos que apaixonam-se, porém Raimundo se vê proibido de casar com sua amada, sem compreender que o motivo da proibição foi o fato dele ser mulato, filho de Domingas, uma escrava e José um homem branco, fazendeiro e contrabandistas de negros da África e senhor de Domingas. Este fato fica bastante evidente em Azevedo (2010):

- Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é filho de uma escrava.
- Eu?! - O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...Raimundo tornou-se lívido. Manuel prosseguiu, no fim de um silêncio - Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família da minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor, porém, não

imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de português!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.- Eu nasci escravo?!- Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo. (AZEVEDO, 2010, p. 125).

O personagem Raimundo “o mulato”, é caracterizado na obra como um “rapaz de vinte e seis anos, olhos azuis, cabelos pretos, dentes claros, muito educado e formado em Direito”, mas isso não era o suficiente, já que para seu tio Manuel Pescada e para o Cônego Diogo Raimundo não passava de um bastardo. Isto fica exposto nos falares racistas presentes na narrativa. Segundo Azevedo (2010), “- Pode contar-se logo com um homem inteligente! Deveriam ser burros! Burros! Que só prestassem mesmo para nós servir! Malditos!” (AZEVEDO, 2010, p. 18).

Vale salientar que para a sociedade oitentista, os negros e seus descendentes, mesmo sendo mestiços, isto é, uma mistura do branco, com o negro, de modo algum serviria para estudar e adquirir uma formação importaria apenas para servir os senhores brancos. Em conformidade com Abrantes (2012):

O Mulato livre, tipo mestiço que mais crescia naquela sociedade, devido principalmente ao relacionamento entre senhores e escravas, eram intolerante rejeitados pela elite branca que temia a degeneração da sua raça considerada superior, pois sendo mais claro que o branco, era a interseção das duas raças e seu crescimento democrático forçava a inserção em alguns espaços que eram nevados aos não brancos naquela sociedade. A situação tornava-se mais grave e delicada quando esses mulatos eram ricos e cultos, o que era raro ainda em São Luís no século XIX". (ABRANTES, 2012, p.34).

Na narrativa o autor descreve a maior parte de seus personagens, como seres preconceituosos e racistas, isto fica extremamente explícito na fala da maioria dos envolvidos no elenco, principalmente nos discursos de Dona Bárbara, uma “velha víbora, insuportável”, avó de Ana Rosa, uma senhora fortemente preconceituosa. Tal como mostra Azevedo (2010),

Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhense criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos dizia “os sujos”; e quando se referia a um mulato dizia “o cabra”. Sempre fora assim e, como devota, não havia outra: Em Alcântara tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura a rezar, aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. [...] Maria Bárbara tinha uma grande

admiração pelos portugueses, dedicava-lhes um entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo aos brasileiros". (AZEVEDO, 2010, p. 09).

Raimundo, mesmo sendo filho de uma escrava, desfrutou dos melhores estudos, formou-se em Direito, sempre teve as melhores notas, andava bem vestido, moço elegante e culto, que mesmo sendo alvo das injustiças sociais, conseguiu romper com as concepções preconceituosas de que só os brancos poderiam usufruir de uma boa educação e uma formação escolar conveniente e de qualidade. Merian (1998), apud. Abrantes (2012) afirma que:

Mesmo se alguns mulatos livres, de pele mais ou menos clara, ocupavam uma posição sociável comparável à dos brancos eles não eram mais imunes do que os pretos e mestiços pobres ao desprezo da população branca... A cor da pele, a textura dos cabelos e os traços do rosto indicavam a priori em que categoria social um indivíduo podia esperar ser classificado. Os outros dados: riqueza, o status social aparente (roupas, comportamento, círculo social imediata) e a cultura combinavam-se com os dados físicos". (MERIAN, 1998, p. 64 e 308, apud. ABRANTES, 2012, p. 34).

O protagonista Raimundo é posto na obra como alvo de discriminação, rejeição e distinção social, desde criança. Quitéria, mulher de seu pai, sempre o chamava de "Negreiro" e no colégio foi ridicularizado e atormentado por seus colegas de sala. Azevedo (2010) deixa claro esta ocorrência:

Não gostava dos outros meninos, porque lhe chamavam "Macaquinho". [...] No colégio era o único estudante que se chamava Raimundo e os colegas ridicularizavam-lhe o nome, "Raimundo Mundico Nico!" - diziam-lhe, puxando-lhe a blusa e batendo-lhe na cabeça tosquiada à escovinha; até que ele se retirava enfiado, sem querer tornar ao recreio, a chorar e a berrar que o mandassem para a sua terra". (AZEVEDO, 2010, p. 37).

No momento que Raimundo descobriu sua origem, ficou amargurado, desgostoso e deprimido, que chega a ignorar a própria cor e sua descendência negra. Então o personagem Raimundo pensa em procurar sua mãe, e ir para um lugar no qual, ninguém soubesse das suas raízes. Este fato comprova-se neste trecho da obra, em que Azevedo (2010) diz:

- Raimundo pela primeira vez, sentiu-se infeliz; uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara; na pureza do seu caráter, o desgosto punha a primeira nódoa. [...] Uma só

palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: "Mulato". E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias. [...] Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejava e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: "Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!" [...] em um destes passeios, parou defronte do espelho e mirou-se com muita atenção. Procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal que denunciasse a raça negra. Observou-se bem, afastando o cabelo das fontes; esticando a pele das faces, examinando as ventas e revistando os dentes; acabou por atirar com o espelho sobre a cômoda, possuído de um tédio imenso e sem fundo". (AZEVEDO, 2010, p. 125-129).

É perceptível, que o autor busca mostrar por meio da narrativa e do personagem principal Raimundo, um jovem mulato, o preconceito racial enraizado e a representação do negro e da mestiçagem na sociedade maranhense. Além disso, é possível identificar em vários discursos, vindos da maioria dos personagens, as inúmeras críticas a sociedade maranhense do final do século XIX, já que, denuncia a realidade vivida pelos negros e sua prole, pois sofriam com a desigualdade social e o preconceito racial, devido à cor da pele.

4.1 Preconceito racial e comportamento social: Um reflexo sobre as personagens

No enredo *O Mulato*, por meio do quadro de personagens o autor traz um reflexo da sociedade maranhense, em que o passado, o tom da pele, o tamanho da boca, o tipo de cabelo e a cor dos olhos, são fatores mais importantes que o caráter. Azevedo (2010) deixa claro esse fato no trecho,

Mas - replica-lhe uma voz interior, que ele mal ouvia na tempestade do seu desespero -, a natureza não criou cativos! Tu não tens a menor culpa do que fizeram os outros, e, no entanto, és castigado e amaldiçoado pelos irmãos daqueles justamente que inventaram a escravidão no Brasil. (AZEVEDO, 2010, p. 126).

Desde as primeiras linhas da narrativa é notório a exclusão social, sofrida pelos não brancos. Nas páginas iniciais da narração o cônego Diogo em diálogo com Manuel Pescada faz a seguinte colocação sobre a apresentação de Raimundo, em Azevedo (2010): “O Mundico! O filho do José, homem! Teu sobrinho! Aquela criança que seu mano teve de Domingas”. (AZEVEDO, 2010, p. 16). Com este discurso fica compreensível que a origem genealógica é mais importante do que o próprio homem e o posicionamento que o indivíduo ocupa no meio social.

Raimundo, que é o protagonista da produção é o alvo principal das injustiças sociais. Em um episódio da obra, fica visível a influência do clero nas decisões da sociedade. Raimundo é posto como um ser sem serventia, que nem para carreira sacerdotal serviria, pois era negro. O preconceito racial fica evidente na conversa entre o Cônego Diogo e Manuel Pescada, Azevedo (2010),

- Ora, deixe-se disso! - Retrucou Diogo, levantando-se com ímpeto. - Nós já temos por aí muito padre de cor! [...] - Ora o que, homem de Deus! É só - ser padre! É só - ser padre! E no fim de contas estão se vendendo, as duas por três superiores mais negros que as nossas cozinheiras! Então isto tem jeito?... O governo - e o cônego inchada as palavras -, o governo devia até tomar uma medida seria a este respeito! Devia proibir aos cabras certos mistérios! [...] E o cônego transformava-se ao calor daquela indignação. - E então, parece já de pirraça - bradou -, é nascer um moleque nas condições deste... [...] - Ora o que, homem de Deus! Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos, queria que eles apanhassem palmatóadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo!" (AZEVEDO, 2010, p. 18).

Maria Bárbara, uma senhora bastante religiosa, deixa bem óbvio em seus falares o desprezo pelos negros, o preconceito é tão grande que a velha desejava a morte da própria neta, do que ver Anica casar-se com um negro, já que para a Maria Bárbara os não-brancos jamais fariam parte da sua família, pois não eram dignos de ser integrantes de uma família de membros brancos. Isso fica claro em AZEVEDO, (2010):

- Se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos iluminando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! Deus me perdoe pelas santíssimas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! [...] E só peço a Deus que me leve, quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé! (AZEVEDO, 2010, p.135).

Assim, com o que foi dito acima, constata-se, que a tonalidade da pele sempre foi peculiar para a sociedade, visto que tanto os negros, quanto seus sucessores eram violentados, escravizados e humilhados, apenas por terem o tom de pele mais escura. De acordo com Ferreira (2011),

Aprende-se, desde cedo, através de mecanismos eficazes de reprodução ideológica, que as características indenitárias valorizadas positivamente são as do branco e que lhe cabe não mais que a reprodução do ideal branco-europeu para poder ser socialmente aceito. (FERREIRA, 2011, p. 375).

O livro *O Mulato*, além de apresentar o negro como alvo de preconceito, racismo e discriminação, também o mostra como vítima de brutalidade e maus-tratos. Domingas a mãe de Raimundo sentiu na pele a残酷, a tortura física e psicológica. No trecho Azevedo (2010), fica explícito o sofrimento da escrava:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quintéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardelá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes de cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de “loucura.” (AZEVEDO, 2010, p.28).

A partir do que foi mencionado, observa-se, o quanto os brancos eram violentos com os escravos e o quanto os negros sofriam com castigos determinados por seus senhores. Em outro episódio do livro, em que Casusa e Sebastião Campos falam da rejeição da mão de Anica, Casusa com suas palavras diferencia-se dos demais personagens, “- Ora, deixe disso seu Campos! Não sei se é porque não tenho irmãs, mas o que lhe asseguro é que preferia o doutor Raimundo da Silva a qualquer desses chouriços da Praia Grande.” (AZEVEDO, 2010, p.138). Mas nessa mesma página, Sebastião Campos, um senhor de engenho, viúvo da primeira filha de Maria Bárbara, homem extremamente preconceituoso que como resposta a Casusa disse: “Preto é preto! Branco é branco! Nada de confusões.” (AZEVEDO, 2010, p. 138).

Em *O Mulato*, os aspectos sociais e raciais estão inteiramente relacionados, já que Ana Rosa aborta, omitindo os indícios de uma sucessão de sangue mestiço. No desfecho da obra, a concorrência pela mão e pelo amor de Anica é vencida por Luís Dias, um jovem português, empregado de Manuel Pescada e assassino de Raimundo. Serejo (2013) salienta:

Em *O Mulato*, o autor denúncia, por meio de uma história de amor com final infeliz, os preconceitos existentes na sociedade maranhense, principalmente o preconceito racial. No mesmo nível, denunciam as mazelas do clero, seus vícios e pecados, concentrados na pessoa do cônego Diogo. (SEREJO, 2013, p.28).

Portanto, nota-se, por meio desses relatos, o quanto o protagonista, Raimundo, vivenciou as desigualdades sociais, a começar da infância e pendurar até o fim de sua vida. O fato de Raimundo ser descendente de escravo tirou-lhe a possibilidade de casar-se com Ana Rosa, construir uma família, ou seja, o determinismo, uma das principais características do Movimento Naturalista faz-se presente na narrativa, já que Raimundo e toda a raça negra são influenciados pelo momento em que vivem e, sobretudo, pelo meio social.

5 CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados, percebe-se que Raimundo, o protagonista do romance *O Mulato*, desde a infância foi vítima de racismo e preconceito, já que quando criança seus colegas não o chamavam pelo nome, e sim por “Raimundo Mundico Nico”.

Vale frisar que a maioria das personagens da obra são preconceituosas, exceto Casusa. O cônego Diogo, representante da igreja deixa explícito em seus discursos que Raimundo e todos os negros deveriam ser “burros”, que só prestassem para servir, nem para a profissão de padre e professor servissem, pois jamais os senhores brancos queriam ver suas filhas confessadas ou que apanhassem palmatóadas de um indivíduo mais negro que uma batina.

Cabe ainda ressaltar que o personagem Raimundo, mesmo sendo bem-sucedido, com título de doutor, não passava de “filho de escrava”, “cativo”, “homem de cor” e “mulato”. Mas mesmo com o fato de Raimundo ser um homem íntegro, de carácter, com boa formação, isso não era o bastante, já que para a sociedade oitentista tinha como prioridade a hereditariedade.

Assim, esta análise favoreceu para percepção de como os “não brancos” eram tratados no século XIX, em que os negros e sua descendência, só prestavam para servir os donos das casas-grandes, jamais para adquirir uma formação ou para outras funções no mercado de trabalho. A obra azevediana, mostra a antiga realidade, de maneira um pouco contrária, apresenta Raimundo, um jovem filho de um comerciante português e uma escrava, que consegui formar-se no que almejava, tinha boas condições financeiras, boa educação. Mas esses fatores não foram relevantes para o convívio social entre

Raimundo e a sociedade, o personagem sentiu na pele o poder da rejeição e do preconceito racial. O determinismo é primordial, já que o quadro de personagens é influenciado pelo meio, pela época em que vivem e principalmente pela ideologia sobre a raça. Nos aspectos analisados, entende-se que a obra *O Mulato* contribui de modo expressivo e significante para a reflexão de como a sociedade negra atual é manifesta ao preconceito perante um convívio social cruel e intolerante. Este trabalho é somente uma análise sucinta e reflexiva sobre o tema proposto, com concepções significativas de vários teóricos para a construção desta pesquisa.

Acredita-se, que esta investigação auxiliará trabalhos futuros com temáticas semelhantes. Apesar de ser um tema atual e bastante discutido, faz-se, necessária um aprofundamento, já que o preconceito velado é, na atualidade, multifacetado; não exposto como há séculos atrás, mas simbolicamente latente e notório na contemporaneidade.

REFERENCIAS

- ABRANTES, Elisabeth Sousa; Santos, Sandra Regina Rodrigues dos (orgs). **São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade**/organizadores, Elisabeth Sousa Abrantes, Sandra Regina Rodrigues dos Santos. – São Luís: Ed. UEMA, 2012.
- _____ **O Maranhão e a Escravidão Moderna**/Elisabeth Sousa Abrantes; Reinaldo dos Santos Barroso Junior (organizadores). - São Luís: Eduema, 2016.
- ALMEIDA, Rodrigo Estramano de. **O Mulato de Aluísio Azevedo: positivismo, anticlericalismo e República**. In: 34º Encontro Anual da Anpocs, ST16: Intelectuais, cultura e democracia. São Paulo: PUC – SP, 2010.
- ARARIPE, Júnior, **Tristão de Alencar. Obra crítica**. 1 Vol. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.
- AZEVEDO, Aluísio, 1857-1913. **O Mulato/Aluísio Azevedo**. - São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. - (Clássicos da literatura).
- AZEVEDO, **O Mulato**. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Jornais: O PAIZ. Maranhão: Typografia do País. 1880, 1881, 1883.
- CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, vol. 7, núm.1,2004, pp.103-113. Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Paraná, Brasil.
- CORRÊA, Dinacy Mendonça. **Da literatura maranhense: o romance do século XX**. Dinacy Mendonça Corrêa – São Luís: EDUMA, 2015.
- CUTI, **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.25.
- DE NICOLA, José. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. José de Nicola; colaboração Lorena Mariel Menón, Lucas Santiago Rodrigues de Nicola, - 18, ed. São Paulo. Scipione, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira/The black in Brazilian literature**. Navegações, v.6,n.2,p.146-153, jul/dez.2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. 2004. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção**. **XXXV Congrès de L'Institut International de Littérature Ibero-américaine, 2004**. Poitiers, Fronteras de la Literatura y de la Crítica. Poitiers: IIII.1:54-54.
- FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. **As relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra**. Psicologia: ciência e profissão, São Luís, v.31, n2, p.374-389,2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 1986.

FORTAREL, Maria Célia (org.). **Literatura em Língua Portuguesa: escritores e obras do Brasil, África e Portugal.** São Paulo: Moderna, 2018.

GIL, Antonio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa/Antonio Carlos Gil.** – 5.es. – São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19.** São Paulo: Nankin Editorial/ EDUSP, 2004.

LIMA, Catarina Bertozi de. **Literatura Negra – Uma outra história.** Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, volume 17- A(dez.2009) – ISSN 1678 – 2054http://WWW.uel.br/ pos/ letras/terraroxa

LUCIANO, Hélio José. **O negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito.** Disponível em:http://WWW.iel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacao_emmovimentossociais/onegronaliteratura.pdf, acesso em: 18 de Fev.2020.

MEIRELES, Marinella Costa. “**As Conexões do Maranhão com a África no Tráfico Atlântico de Escravos na Segunda Metade do século XVIII**”. Revista Outros Tempos Volume 6, número 8, dezembro de 2009-Dossiê Escravidão. Disponível em: <http://WWW.outros tempos.uema.br>. Acesso em: 15 de Fev.2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Dilma L. **O negro no Brasil de hoje.** Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.**3.es. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PACOTILHA, Maranhão: **Typografia do Pacotilha.** 1881.

_____ ; Paire. Práticas de leitura. 2^a ed. SP. Estação da Liberdade, 2001. CORDEIRO, João Mendonça. **O Mulato: Cem anos de um romance revolucionário.** S1. Edufma, 1987.

SAMUEL, Rogelio. **Arte e sociedade.** In: SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 13. Petrópolis: Vozes, 1985.p.7-16.

SEREJO, Lourival. **Aluísio Azevedo Sempre.** São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2013.

VICENTE, J.A. **Negritude e a liberdade** In: **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias**, Porto Alegre, n°412, ano 48, p.17, 2010.